1. Área Temática 1: Temas especiais

**RESUMO**

A Economia, enquanto ciência e disciplina fruto da modernidade, é caracterizada por focar no indivíduo - um sujeito econômico padrão (o homo economicus)- , no trabalho remunerado, na esfera pública e, portanto, na lógica do mercado. Aponta-se como frágeis os resultados econômicos obtidos, a partir do esqueleto estruturante de visão dual cartesiana, o qual inclui conceitos-chave, como escassez, competição, produtividade, otimização e racionalidade. As teorias econômicas dominantes apoiam-se em pressupostos utilitaristas e marginalistas e em métodos científicos de forte rigor matemático, lógico e estatístico, sem aproximação com o objeto de estudo. Em seu cariz dominante, ignora que o conhecimento é construído, social e historicamente, refletindo as características dos cientistas e toda a aleatoriedade e não neutralidade imersa nesse perfil da autoridade epistêmica, como parte da relação entre ciência e poder. Para o mainstream, os agentes econômicos são racionais, autônomos, anônimos e com preferências estáveis. Ademais, são desconsideradas as relações sociais e há resistência a metodologias qualitativas e estudos inter e multidisciplinares. Neste sentido, as vertentes heterodoxas - como a Institucionalista, a Feminista, a Solidária e a Ecológica)-, têm destacado a limitação para articular método, teoria e proposição de políticas públicas, ao tratar de questões socioeconômicas, com destaque à atual crise social e ambiental planetária. Ainda assim, e sendo o capitalismo dependente (lógica e historicamente) da colonialidade, as teorias críticas parecem minimizar as consequências das engrenagens combinantes de colonização, heteropatriarcado, cissexismo e racismo sobre todas as esferas do existir. A partir dessa perspectiva, o presente estudo tem por objetivo entender como tem se dado a interlocução entre a Economia e as discussões críticas das ciências sociais sobre colonialidade. Para tal, a meta é a revisão de literatura recente para analisar a interface entre as Ciências Econômicas e o aparato conceitual, político e crítico da colonialidade, em termos metodológico, epistemológico e ontológico. Verifica-se que a colonialidade econômica parece ser retratada pela obsessão da colonialidade/modernidade que marca o debate do desenvolvimento e pela dicotomia atrasado-moderno, os quais naturalizam formas de perpetuar a desigualdade e a injustiça social, a partir de parâmetros eurocentrados a-históricos de pobreza e prosperidade econômica. Sua base é epistêmica e se alimenta do apagão histórico, da noção de verdade absoluta, do desaparecimento do *não econômico*, e é abastecida pelo projeto liberal de modernidade. Assim, a Economia segue sendo ineficaz no uso do aparato conceitual e filosófico da colonialidade para avaliar o caráter interseccional e multidimensional dos fenômenos sociais, considerando os vários vetores de exclusão (raça, gênero, etnia, classe, sexualidade, origem geográfica, capacidade física). O campo de saber econômico, ao não abarcar a colonialidade em sua construção, acaba por discutir capitalismo, de forma reducionista, diante à sua visão restrita como sistema econômico, portanto, ignorando seus múltiplos modos de supremacia.

**Palavras-chave:** Mainstream econômico; Economia; Colonialidade.